

## JURUNAS: um lugar imaginado?<sup>1</sup>

**Carmem Izabel Rodrigues**

Docente da Faculdade de Ciências Sociais da UFPA

**RESUMO:** O bairro do Jurunas, em Belém, aparece no imaginário popular como um lugar em que seus moradores se apresentam/representam a partir de um conjunto de construções identitárias que circulam reiterativamente nos espaços internos ou externos ao bairro. Como o bairro de Alfama, em Lisboa, pode ser visto como um espaço público de invenção e criatividade, de reprodução de práticas culturais identitárias, através de sociabilidades e tradições festivas que *fazem* o bairro.

Palavras-chave: cidade, práticas culturais, sociabilidades

**O Jurunas existe?** Podemos falar de um lugar identitário chamado Jurunas, ou de uma identidade *jurunense*? Analisando a construção de uma identidade cultural vinculada ao bairro de Alfama, no centro histórico de Lisboa, Firmino da Costa (1999) se pergunta até que ponto o bairro é uma construção dos olisipógrafos e de outros agentes culturais (p.31).

Tomando o bairro como uma “unidade territorial urbana, um quadro social rico e multifacetado, categoria simbólica de referência social identitária, especialmente para a população local, mas também para o exterior” (p. 492), o autor enfatiza sua visibilidade social em diversos registros (populares e eruditos, jornalísticos e literários) como uma via de acesso a um conjunto de processos sociais que participam ativamente da construção de uma identidade de bairro (p.19-20; 491-494). O autor utiliza o conceito de *sociedade de bairro* como uma perspectiva etnográfica empiricamente confirmada: o bairro de Alfama é apresentado e representado como uma configuração social existente, uma construção social, um conjunto de representações simbólicas socialmente construídas, a partir de dinâmicas culturais endógenas e exógenas (p. 115, 492).

Imagens produzidas no próprio bairro pela população local (de dentro para fora) articulam-se com imagens geradas fora do bairro, conferindo ao mesmo uma identidade cultural própria, que não é homogênea, posto que o bairro não é, de fato, física ou culturalmente separado e isolado do resto da

---

1 Excerto do Capítulo 6 da Tese *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidades e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-Pará*. PPGA-UFPE, 2006.

cidade, mas apresenta fronteiras identitárias dinâmicas que podem ser percebidas especialmente nos momentos ritualizados dos eventos festivos realizados pela população local, com certa interferência dos gestores da cidade, o que levou ao questionamento acerca da realidade do bairro: seria uma ficção produzida especialmente por especialistas culturais que em sua grande maioria sequer residem no bairro? Seria uma manipulação da identidade? O autor então se pergunta “Até que ponto não estará em jogo aqui a lógica da dominação simbólica...? (p.31).

Mesmo reconhecendo a presença de relações de poder na ocupação, definição e delimitação do espaço urbano, o autor enfatiza que “a visibilidade marcante de Alfama e a reprodução continuada de sua identidade cultural” não seria possível “sem o entrelaçamento dessas dinâmicas de origem exterior com [...] redes sociais específicas e formas culturais localmente enraizadas” (p.38-39).

É necessário destacar, seguindo o autor, que a identidade cultural não implica homogeneidade social nem dizer que não existem hierarquias sociais, relações de dominação e conflitos de interesse. Sua noção de *sociedade de bairro* não significa isolamento social ou ausência de ligações profundas e permanentes aos contextos sociais que a envolvem, de âmbito mais restrito ou alargado.

O autor está falando de um terceiro e fundamental aspecto, de uma relativização à tese da manipulação na fabricação da identidade do bairro, com ênfase nas articulações entre vetores externos e internos na produção da identidade cultural de Alfama. Afinal trata-se de apropriação, cooptação ou articulação entre as forças internas e externas ao bairro? E como participam os diversos segmentos heterogêneos internos ao bairro? Como afirma Firmino da Costa,

[...] os produtores locais da cultura popular urbana eram, em grande parte, migrantes rurais [...] Ao mesmo tempo, a população local não ficou alheia nem imune ao discurso identitário de origem erudita, às intervenções urbanísticas, culturais e turísticas de Alfama. Ao lado da reconstrução das representações localmente partilhadas acerca do próprio bairro, assistiu-se ao desenvolvimento, por parte da população, de estratégias de reutilização das solicitações externas, envolvendo o afeiçoamento e a reelaboração [...] de táticas relacionais, de práticas quotidianas e de formas de expressão cultural (1999, p. 4; 38-39).

Essa interpretação aplica-se muito bem ao bairro do Jurunas, um dos mais antigos da cidade de Belém, cujos moradores se apresentam/representam a partir de um conjunto de construções identitárias

que circulam reiterativamente nos espaços públicos internos ou externos ao bairro, veiculados através de formas locais de divulgação e amplificados através de diversos tipos de mídia que alcançam inclusive o interior do estado.

Os moradores reproduzem um discurso elaborado sobre a relação entre o bairro e suas festas, demarcando uma identidade própria, expressivamente lúdica (*todo jurunense gosta de festas*); e muitos dos que hoje não moram mais no bairro, mas que nele nasceram, cresceram e viveram por muito tempo, costumam frequentar essas festas e manifestam sentimentos de identidade acerca do bairro.

Como no caso analisado por Firmino da Costa, “referências espaciais (o bairro), sociais (as redes de interconhecimento) e culturais (práticas expressivas) sobrepõem-se nessas representações e sentimentos de identidade coletiva” (p. 98), produzindo uma identidade contextual e ambivalente, que pode se apresentar como positiva (nas práticas e interações locais) ou negativa (nas referências às condições econômicas e hierarquias sociais mais amplas).

Em contextos diversos, nas práticas e estratégias desenvolvidas e nos discursos emitidos pelos moradores, predominam formas e processos de identificação através dos quais estes se apresentam/representam como

[...] expeditos e corajosos, peritos na exploração de redes de interconhecimento nas artes e manhas da existência relacional, nas táticas do cotidiano, na inventividade convival, na prática lúdica, na capacidade expressiva. Esses traços auto-atribuídos da identidade cultural são espontaneamente reportados pelos próprios habitantes às suas experiências de vida no bairro, às atitudes e aos saberes ali adquiridos com grupos de pares, círculos de vizinhos, redes de parentes e conterrâneos, colegas de trabalho e membros de associações comuns, pertencas que tendem a sobrepor-se no quadro local [...] nas práticas e nas estratégias desenvolvidas, nos discursos emitidos em diversas situações de interação social, os habitantes do bairro deixam transparecer o orgulho de uma identidade alfamista [...] (1999, p. 98-99).

No caso do Jurunas, nossa pesquisa comprovou que a construção de uma identidade de bairro cresce continuamente, se reproduz ou se dinamiza na articulação entre os discursos internos e externos ao bairro. Entre os primeiros destacam-se os discursos sobre a *nação jurunense*, sobre a *criatividade*, a *performatividade* e *agência* do sujeito *jurunense*, sobre a resistência e capacidade de sobrevivência do morador do bairro, ao enfrentar dificuldades e sobreviver num mundo moderno. Entre os últimos

destacam-se o discurso da mídia sobre o bairro, enfatizando e sobrepondo as festas e a violência, assim como o discurso dos gestores oficiais sobre as formas de controle das políticas públicas de intervenção.

No contexto interno, temos uma reapropriação dessas falas, que fazem parte de um discurso sobre o bairro, e que são renovadas, ressignificadas através de diversas esferas de reprodução, especialmente através das redes de sociabilidade locais, quando os sujeitos exercitam sua criatividade, falando de um lugar identitário que é uma visão/representação positivada do bairro, um lugar onde eles gostam de morar, viver, festejar, se encontrar e se relacionar, e de como se sentem orgulhosos de pertencer a esse lugar.

De todo modo, nos dois casos aqui comparados, trata-se de perceber, para além da tese da manipulação, por agentes externos, e para além da tese da reificação de uma identidade fixa, substantiva e autocontida, da capacidade, performatividade e agência dos sujeitos sociais em construir, para si mesmos, um lugar identitário através do qual se reconhecem como fazendo parte de uma identidade positivada. Contestando as teses de manipulação ou resistência enquanto formas puras, absolutas e excludentes entre si, Firmino da Costa conclui que “se Alfama apresenta uma identidade cultural tão persistente e tão vincada, em grande medida é porque constitui um quadro social de intensa produção cultural própria”, isto é, pelo fato de ser “um contexto social onde se elaboram formas singulares de cultura popular urbana [que] revelam-se um elemento-chave dos processos identitários locais (p. 173, 289).

Portanto, identidades culturais não são essências, mas construções simbólicas; mais ainda, são sociais, posto que

[...] se constituem como representações mas não se geram, não se mantêm, não se transformam por si próprias; são socialmente produzidas, divulgadas, transmitidas, modificadas, aniquiladas, reconstruídas, utilizadas e acionadas por agentes sociais, no quadro das relações sociais, no desenrolar dos processos sociais e com vários efeitos sociais. [situando-se] na ordem das representações e dos sentimentos de pertença socioculturalmente construídos, a identidade é sempre reflexividade e reconhecimento (p. 501; 504).

O signo **Jurunas** não se restringe ao espaço do bairro, mas em certo sentido o engloba. Ao mesmo tempo, condensa diversos significados, recortando diversas dimensões da realidade: em primeiro lugar, é um bairro localizado na zona sul de Belém, à beira do rio Guamá, bairro secular, de *pobreza estabilizada*,

como o bairro da Liberdade, em Salvador, estudado por Agier (1998) e, como este, adquire diversos sentidos que vão sendo produzidos por seus moradores num espaço de mediações entre o bairro e a cidade, recortando as segmentações espaciais e temporais, de classe, gênero, etnia/raça, lugar de origem, lugar de moradia, entre outros.

Como o bairro da Alfama em Lisboa, apresenta uma grande *visibilidade social* diante do resto da cidade, em função de práticas culturais identitárias, especialmente práticas de sociabilidade festiva associadas a diversas expressões da cultura popular, produzidas em grande parte por migrantes ribeirinhos, participantes ativos de uma história e uma memória social próprias, que nos permitem pensar o Jurunas como uma *sociedade de bairro*, nos termos de Firmino da Costa,

[...] um quadro social denso e multifacetado [e] uma categoria simbólica de referência social identitária [tanto] para a população local [quanto] para o exterior [...] um quadro social local no qual se sobrepõem [...] múltiplas dimensões de relacionamento humano, onde se geram estilos de conduta característicos e formas simbólicas singulares e que se redobra numa relação simultaneamente expressiva e constitutiva, de uma identidade cultural vincada, reportada pela sua população ao bairro, como entidade coletiva preeminente e como círculo relevante de pertença pessoal e grupal (1999, p. 492-493).

Diversas imagens do bairro e de seus moradores, exógenas ou endógenas, alimentam cotidianamente os discursos e as práticas identitárias, que retroalimentam suas identificações, assim como suas representações positivas ou negativas sobre o lugar onde vivem: *bairro comunitário*, de parentes e vizinhos, compadres e conterrâneos, colegas e *chegados*; *bairro perigoso*, de vadios e desocupados, de bandidos e gangues, onde a violência presente na vida cotidiana espregueia moradores e visitantes; *bairro de trabalhadores*, de vendedores autônomos, de mão-de-obra barata que pode ser aproveitada a baixo custo; *bairro de ocupantes-invasores* que enfrentam a polícia, desrespeitando as leis e o direito constituído; *bairro de eleitores-cidadãos*, cujas vozes e votos têm um peso considerável na política local; *bairro de antigas tradições festivas*, de *batuques e bumbás*, do carnaval e festas juninas.

Mas o bairro é também um grande mercado de trocas de bens materiais e simbólicos, um espaço de circulação de pessoas, saberes, dádivas e dívidas, enfim, um espaço de circulação de capital social e simbólico (Bourdieu, 1999), um espaço de *encenação da vida cotidiana*, espaço público onde a vida

cotidiana acontece (De Certeau, 1996).

O Jurunas é, ao mesmo tempo, um *bairro cultural*, de espaços de inovação e criatividade (Costa, 2000) e um *território cultural*, onde se produzem estilos de vida próprios (Lull, 1998), de sociabilidades e tradições festivas (Xavier Costa, 2002), que permitiram atribuir ao bairro um *ethos* festeiro, ao lado das imagens de violência que têm estado frequentemente associadas ao bairro em seu processo de ocupação e urbanização.

O Jurunas é um território conhecido e praticado, um espaço vivido pelos moradores que circulam o tempo todo, atravessam as fronteiras físicas e sociais que os separam dos outros bairros e, ao mesmo tempo, instituem redes de interconhecimento que comunicam seus diversos setores, esferas e associações de todo tipo. Cria-se então uma identidade de bairro graças a essas pessoas que circulam pelo bairro e se relacionam, através de redes de sociabilidade, por um espaço que lhes é próprio, e ao qual eles se sentem pertencer. Esse espaço é o Jurunas, que em alguns lugares é *parecido com o interior, é como se aqui fosse o interior*, mas ao mesmo tempo é um *lugar na cidade*, um lugar moderno, cuja conquista exige um esforço continuado que inclui trabalho, conhecimento e trocas.

O bairro apresenta, em relação aos outros bairros estudados por Costa (1998), Cordeiro (2001) e Agier (1998), muitas semelhanças e diferenças, ao mesmo tempo. No caso do Jurunas, não podemos dizer que o vetor externo seja o principal, embora a relação contrastiva, de oposição-complementaridade esteja presente. Na orla ribeirinha do Jurunas, ao contrário de qualquer gestão planejada encontrada no caso português e em diversas cidades brasileiras, ocorreu uma ocupação totalmente assistemática do ponto de vista de uma gestão ou planejamento estatal, embora apresente uma ordem prática do ponto de vista dos ocupantes, migrantes invasores ou empresas que fecharam o acesso ao rio.

Entretanto, a proposta atual de urbanização da orla ribeirinha, configurada no projeto Portal da Amazônia, representa a face urbana e moderna das relações desiguais entre os moradores, os órgãos estatais e os setores empresariais interessados nas transformações urbanísticas da cidade.

À valorização simbólica do bairro sobrepõe-se a valorização imobiliária: de um reduto de festas, um local de *autênticas tradições*, algumas das quais não existem mais, o bairro tende a transformar-se

em *corredor de especulação imobiliária*, para pessoas que “não têm história nem memória no bairro, não têm nenhuma identificação com o bairro, não têm identidade...” (J. Manito).

De fato, o Jurunas existe. Mais do que um bairro, significa, para seus moradores, um lugar, seja um lugar inventado, um lugar simbolicamente construído e defendido por eles. Diferentemente dos outros bairros mais centrais que têm, em sua configuração geral, uma boa infraestrutura (mercados, padarias, escolas), o Jurunas não se apresenta apenas como uma configuração de bairro, mas como um lugar que existe enquanto um lugar de sentido, como muitos outros bairros talvez não existam, pois assim foi criado, com todas essas características que fazem com que ele seja, para seus habitantes, diferente de qualquer outro lugar.

A carência de uma infraestrutura moderna é compensada, na visão dos moradores, pela abundância de uma vida cotidiana que fervilha diuturnamente no bairro, fazendo com que o mesmo pareça estar *mais vivo* do que os outros bairros da cidade, gerando inclusive avaliações de ex-moradores, que de lá saíram por diferentes motivos (casar, morar em uma casa maior e mais confortável em outro bairro), da falta de *vida*, da falta de *animação*, de *movimento*, de *alegria* que *só o Jurunas tem*, motivo pelo qual muitos deles voltaram ou desejam voltar a viver no bairro e, enquanto isso não acontece, não deixam de frequentar as casas de parentes e amigos, quase todos os fins de semana, como nas citações abaixo:

Eu sofri muito quando tive que mudar [do bairro], pois preferia estar morando apertadinho atrás da casa da minha mãe, porque lá era muito animado mesmo, de verdade (Joana).

O Jurunas é animado, é barulhento, cheio de opções de festas, quem sai daqui sempre volta (Bahia).

Bairros populares produzem sentimentos de pertença entre seus habitantes, visíveis em algumas *performances rituais coletivas* (Cordeiro, 2001). Como “lugares sociais intermédios entre pequenas unidades de vizinhança e unidades mais amplas” (Idem, p.128), estabelecem as mediações entre sociabilidades locais, em constantes interações de solidariedades e rivalidades entre si e contextos mais amplos. É o caso do Bairro da Bica, em Lisboa, lugar onde “as sociabilidades de rua e de vizinhança, em espaços restritos de intenso interconhecimento, contribuem para a construção social de certos bairros,

vistos do exterior como unidades territoriais quase naturais, relativamente homogêneas e autocontidas (p.128).

Nesse sentido o bairro é, ao mesmo tempo “uma entidade virtual, uma tradição inventada, de valor simbólico [e] um lugar antropológico, identitário, relacional e histórico. Bairros são lugares com “identidade própria, história, memórias e sociabilidades partilhadas, atividades demarcadoras de fronteiras territoriais visíveis em certas festividades cíclicas” (p.126-127).

Festas religiosas, carnavalescas, de lazer, dão grande visibilidade social ao bairro, através de imagens internas e externas, que se amplificam através dos meios de comunicação, reproduzindo, na interação entre o bairro e a cidade, a relação entre formas de sociabilidade e certas identidades de bairro, baseadas no território (Holstein, 1998). Processos de identificação e relações de identidade surgem comumente entre sujeitos e grupos que participam de redes de sociabilidade, consumo e lazer em determinados espaços urbanos.

Enfim, “práticas de sociabilidade local, associadas a rituais festivos, cíclicos, claramente territorializados, fazem os bairros” (Cordeiro, 2001), no sentido de que são as práticas sociais dos habitantes que conferem significado ao espaço urbano (Agier, 1998; De Certeau, 1996; Magnani, 1993; Montes, 2000). E se as práticas fazem os bairros (lugares urbanos), as práticas festivas fazem o bairro do Jurunas, isto é, garantem sua visibilidade social do imaginário da cidade.

#### Referências

AGIER, Michel. **Lugares e redes: as mediações da cultura urbana**. In: Além dos territórios. Ana Maria Niemeyer e Emília Pietrafesa de Godói (orgs). Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 41-63.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CORDEIRO, Graça Índias. **Territórios e identidade sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001, p. 125-142.

COSTA, Pedro. **Centro e margens: produção e práticas culturais na área metropolitana de Lisboa**. Análise Social, Lisboa, v. XXXIV, nº 154, 2000, p. 957-983.

COSTA, Xavier. **Festive traditions in modernity: the public sphere of the festival of the Fallas in Valencia (Spain)**. The sociological review, v. 50, nº 4, 2002, p. 482-504.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996. II – Morar, cozinhar.

FIRMINO DA COSTA, António. **Sociedade de bairro. Dinâmicas sociais da identidade cultural**. Oeiras: Celta, 1999.

HOLSTEIN, Adriana. **El barrio de las casitas baratas. Memórias de la década del sesenta**. *Cuadernos de Antropología Social*, nº 10, Univ. de Buenos Aires, 1998.

LULL, James. **Significado em ação**. In: Comunicação na era pós-moderna. Mônica Rector e Eduardo Neiva (Orgs). Petrópolis: Vozes, 1998.

MAGNANI, José Guilherme. **A rua e a evolução da sociabilidade**. Revista Digital de Antropologia Urbana, 1993. Disponível no site  
<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas.html>

MONTES, Maria Lucia. **Posfácio**. In: Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. José Guilherme Magnani e Lílian de Lucca Torres (orgs). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000, p.301-317.